

5 Conclusão

Chegamos ao fim de nossa viagem pelos caminhos da kénosis. A partir de agora precisa ser aprofundada, de modo, a abrir mais caminhos e desbravar mais lugares em muitas direções. Este trabalho, apesar de basear-se em inúmeros outros nessa direção, pôde contribuir como uma seta que aponta para frente com o intuito de incentivar novas descobertas. Acreditamos que apesar de nossa pesquisa se situar no âmbito cristológico, pode ser relevante em diversos campos da teologia e, sobretudo, a pastoral. Isso é possível, pois o estudo da kénosis implica pensar a autocomunicação do ser profundo de Deus, ou seja, sua natureza, sua essência a partir de Jesus e sua morte de cruz. Sua natureza é esvaziar-se, sair de si na direção de seu outro, por ser amor. Dessa maneira, a eclesiologia, a sacramentologia, a liturgia, os tratados teológicos em geral e, de maneira especial, a pastoral devem ser repensados nesta perspectiva.

Além disso, este trabalho se torna bastante pertinente, enquanto reflexão teológica, diante da atual onda política de intolerância defendida por políticos ultraconservadores que vem se fortalecendo no mundo. Políticas que visam a restrição de direitos (direitos humanos) e práticas duvidosas que geram sofrimento, sobretudo, nos mais pobres e vulneráveis. Nossa pesquisa, também, possibilita uma reflexão séria e pertinente do cristianismo hodierno e seu reducionismo fundamentalista que identificamos cada vez mais no Brasil. A teologia da kénosis traz consigo, ainda, uma séria crítica à compreensão de Deus a partir do lucro financeiro, prática que reifica a criação e seu Deus, tornando-o um deus apático, um ídolo, justificando, assim, os modelos injustos de produção que levam a criação à destruição.²⁴⁸

Apesar de sua amplitude este tema trouxe algumas dificuldades que foram previstas a priori, porém tornaram muito mais delicada a abordagem do tema da kénosis como autocomunicação, pois ela tende a modificar pensamentos acerca de Deus marcados pela tradição clássica e arraigados na compreensão geral do povo de Deus como: onipotência e a impassibilidade, por exemplo. No entanto, esta pesquisa, com humildade e um pouco de coragem, pôde, a partir dos estudos

²⁴⁸ PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si*, 24 de maio de 2015, In: AAS 107 (2015), n. 18.

realizados nos diversos autores citados, contribuir tocando nesses conceitos tão valiosos à fé cristã e propondo-lhes um olhar diferente. Além disso, nosso trabalho tocou em temas controversos da fé como a teologia do abandono de Jesus por Deus e trouxe-lhes uma resposta pertinente, a partir da teologia solidária de Jürgen Moltmann, à realidade hodierna da fé cristã e do mundo marcado pelo abandono, injustiça e individualismo.

A teologia de Jürgen Moltmann foi fundamental nesse processo, pois como já dissemos na introdução sua teologia brota da vida, do *locus* de sua experiência de fé e ela foi absolutamente marcada pelos horrores e a barbárie da segunda guerra mundial. Sua teologia brota do grito por Deus – “Meu Deus, onde estás?” - diante do sofrimento e da sensação de abandono experimentados na noite da operação gomorra que fez inúmeras vítimas, sendo uma delas seu companheiro de artilharia. Grito que possui correspondência com o grito de Jesus na cruz que pergunta por Deus. É um dos teólogos mais influentes da teologia contemporânea, suas obras são discutidas em várias partes do mundo, confrontadas com várias teologias e com o pensamento de vários teólogos e teólogas. Foi importante para o desenvolvimento da teologia latino-americana e uma de suas principais obras – O Deus crucificado – foi encontrada ensanguentada junto aos corpos dos jesuítas assassinados por militares em El Salvador em 16 de novembro de 1989. A teologia de Moltmann não é uma teologia hermética, fechada à linguagem teológica e filosófica, por isso seu pensamento não circula apenas em ambientes acadêmicos, mas em diversos âmbitos sociais cristãos e não cristãos, contudo, sempre enraizado na vida e sociedade.

A teologia da kénosis não foi explicitada nas obras de Moltmann, pelo menos as que conhecemos, por isso demonstrou-se um trabalho árduo identificar essa teologia em seu conjunto de obras. No entanto, ao examinarmos sua teologia ao longo de seus livros percebemos que ela traz consigo, como espinha dorsal, a teologia da kénosis que expressa a natureza profunda e amorosa do ser de Deus, Deus passível, cuja sua Esperança já pode ser experimentada no hoje da história ainda que de maneira parcial. A partir de suas principais obras, sobretudo as cristológicas, podemos encontrar a kénosis como um processo autocomunicativo de Deus triúno que culmina no abandono e morte de cruz. Nesse processo, o Pai em sua relação amorosa com o Filho se retrai de modo a tornar-se espaço para que a criação se desenvolva, criação completada pela encarnação do Verbo que

assumiu a humanidade em toda sua integralidade e comunicou plenamente o ser amoroso de Deus, sua “onipotência no amor” e, por isso, obedientemente se entregou à morte, morte de cruz, máxima consequência desse amor descomunal.

Mais que isso! Moltmann nos mostra, a partir do grito de Jesus na cruz, que o evento da cruz é um acontecimento entre o Pai e seu Filho, ou seja, um acontecimento trinitário, pois o Espírito procede dessa relação acolhendo os desamparados e justificando os ímpios. Sendo a cruz um acontecimento trinitário, a Trindade experimenta desde dentro a humanidade em sua radical profundidade. Portanto, a história humana, a radical humanidade com suas mazelas e vulnerabilidade está presente no coração trinitário, por isso no sofrimento humano e em suas mazelas está presente, assim como na cruz de Jesus, a Trindade com seu amor acolhedor e justificador. Desse modo, a teologia de Jürgen Moltmann torna-se profundamente atual e relevante não apenas àqueles que experimentaram os horrores da guerra, mas também todos aqueles que têm seus direitos violados, são acometidos à situações degradantes e de injustiças. Não apenas indivíduos, mas países inteiros e regiões como a América Latina que vivendo todas estas mazelas encontrou em sua teologia a Esperança para continuar sua trajetória de mudança, descobriu um Deus absolutamente próximo, passível, interessado na sua criação, Deus apaixonado que por ser amor sofre com os sofrimentos do mundo. Neste sentido foi desenvolvida essa pesquisa!

Vejamos agora o percurso que fizemos nesta pesquisa para chegarmos à compreensão dos fundamentos e reflexões da *kénosis* na teologia de Moltmann.

De imediato, ao examinarmos sua teologia, percebemos que era fundamental partirmos da sua história, como já dissemos, fonte de sua reflexão teológica. Então, em nosso primeiro capítulo optamos por explicitar sua história e, em seguida, sua teologia: a cristologia e a teologia do *pathos* de Deus. Foi, sem sombra de dúvidas, frutífero iniciarmos nosso trabalho a partir da experiência vivida por Moltmann. Aliás, esse é o traço de sua teologia - a experiência. Para ele existem três tipos de experiência: a) a experiência ativa quando o sujeito é o autor da experiência, é ativo; b) a experiência passiva quando o sujeito recebe a experiência, quando é passivo; e c) quando o sujeito é ao mesmo tempo ativo e passivo na experiência, é o autor e o receptor dessa experiência. Situação que leva todo sujeito reconhecer-se, pois isso somente é possível na relação e esse autoconhecimento atinge sua plenitude na relação com seu Deus e criador, o qual

possui a iniciativa.²⁴⁹ Dessa experiência de Deus na guerra podemos dizer que constitui o cerne de sua teologia da cruz que desenvolvemos neste trabalho, pois no momento de terror e assombro Moltmann dá um grito por Deus, assim como Jesus na cruz. Ele que era de família secular, clama por Deus no momento de profunda sensação de solidão, experiência determinante para sua cristologia da solidariedade que falaremos logo adiante. No entanto, na vida de Moltmann não houve apenas provações, sensação de abandono e solidão, mas também houve sinais da presença de Deus em sua vida, sinais que trouxeram de volta e revigoraram sua esperança de outra vida possível e a Esperança de uma nova criação em Deus. No campo disciplinar, onde passou os últimos anos da guerra pode experimentar o amor de Deus na acolhida dos cidadãos, na palavra de conforto dos pastores que os auxiliavam no campo e, sobretudo, nas escrituras que diariamente lia, em especial, a paixão de Jesus que, segundo ele, se identificava profundamente. Depois, ao voltar à Alemanha os estudos de teologia e o pastoreio de uma comunidade cristã no interior o fizeram perceber os sinais e experimentar o amor de Deus.

Dessa experiência de amor que falamos acima, surge uma teologia profunda e viva. Sua cristologia não é uma cristologia de manuais, tratados herméticos para o debate acadêmico sem relação com a vida. Ao contrário, sua teologia é profundamente relacionada à vida, como já dissemos, por isso despertou-nos o interesse em desenvolver três enfoques dessa cristologia pujante que são fundamentais para pesquisa da kénosis: a) a cristologia trinitária; b) cristologia em tom escatológico; e c) cristologia solidária.

A cristologia trinitária expressa a íntima relação entre as pessoas da trindade que atuam em perfeita comunhão. Ou seja, com o enfoque trinitário sobre a cristologia, Moltmann corrige um déficit da teologia ocidental chamado de cristomonismo. Através de sua cristologia trinitária Moltmann, a exemplo de teólogos como Yves Congar, afirmam que Cristo não estava sozinho em sua missão, corrigindo, com isso um monoteísmo rígido e patológico que tem por de traz uma compreensão apática de Deus, origem das muitas heresias cristológicas dos primeiros séculos. Por isso, abordamos neste tópico as principais heresias dos primeiros séculos, que apesar de criarem um cenário de confronto, foram

²⁴⁹ MOLTMANN, J. **O Espírito da vida**, p. 34-36.

fundamentais, por proporcionarem debates acerca da fé que se estabelecia, para o desenvolvimento das doutrinas da cristologia e da Trindade. Em seguida a esse primeiro momento do tópico, entramos na questão da participação das pessoas da Trindade na missão de Jesus autocomunicativa e redentora.

Na cristologia em tom escatológico, pudemos reconhecer a dupla dimensão da encarnação e missão de Jesus que fundamenta a fé dos primeiros cristãos em Jesus Cristo e a cristologia enquanto discurso sistemático. Essa dupla dimensão constituída da dimensão histórica e escatológica se complementam na cristologia. Por um lado, a ressurreição de Jesus torna-se vazia sem a cruz como expressão de sua vida de entrega obediente à vontade amorosa de Deus que quis fazer com que todos experimentassem seu amor salvífico. Por outro lado a cruz por si só torna-se sinal de morte, sinal da miséria humana, faz de Jesus mais um injustiçado na história manchada da humanidade. Ou seja, a cruz não possui sentido sem sua dimensão escatológica, sem seu significado salvífico. Portanto, a história para se realizar necessita do *eschatón*, que por sua vez está impregnado, desde a cruz, da história humana.

A terceira que identificamos na obra de Moltmann foi a cristologia solidária. Ele diz que há duas formas de perguntar diante do sofrimento: a) a primeira é, inclusive, a pergunta da teodicéia que busca conhecer as razões do mal ou da existência e incidência do mal: “Por que deus permite que haja e aconteça o mal?”; e b) a segunda é a pergunta que surge como uma oração, que brota do fundo da alma. Essa pergunta não é de alguém que está interessado em conhecer as razões do mal, mas alguém que está sofrendo na carne as consequências desse mal. Ele diz: “Meu Deus, onde estás?”. A primeira pergunta remete a alguém que está pensando no mal, intrigado com ele e a dor que causa, mas não está sofrendo na carne esse mal. Além disso, esta pergunta traz consigo uma compreensão de Deus que não favorece a uma resposta eficaz à questão do sofrimento. Esta pergunta estabelece, em seu cerne, que deus está de fora, indiferente à dor e ao sofrimento, estabelece que é como o motor imóvel de Aristóteles, um ser ordenador que não se suja com as questões do mundo. Em contrapartida, a segunda pergunta que parte daquele que está dentro do sofrimento e sente-se desamparado, pergunta: onde está Deus? Simultaneamente à sensação de solidão, a vítima do sofrimento que pergunta por Deus, percebe de alguma maneira a presença d’Ele em sua dor, pois clama não pelo deus apático, distante, indiferente

ao sofrimento, mas pelo Deus de Jesus Cristo, o mesmo que foi solidário ao crucificado em sua dor sustentando-o na cruz ignomínia e sofrendo com seu sofrimento. Portanto, a cristologia solidária que nós identificamos em Moltmann aponta para a solidariedade de Deus diante do sofrimento de seus filhos, filhos tornados a partir de seu Filho primogênito.

Terminamos este capítulo com a teologia do *pathos* de Deus. No primeiro tópico abordamos a compreensão de Deus apático e esta, por sua vez, encontra-se refletida a partir de duas abordagens: a) Deus como substância suprema; e b) Deus como sujeito absoluto. A primeira se refere a Deus como uma substância suprema de onde tudo provém e de onde provém o ritmo do mundo, pois ela ordena e orienta o mundo. Para tal foi preciso recorrer a aspectos da filosofia clássica como o motor imóvel de Aristóteles para chegarmos à concepção de Deus como substância suprema referente à concepção pré-moderna de Deus que não atribui subjetividade à divindade. Na segunda abordagem, diferentemente da primeira, a divindade não é mais apenas uma substância ordenadora do mundo. Ela possui subjetividade. É um sujeito que se expressa no mundo a partir dos seres subjetivos, sujeitos que possuem liberdade e constituem-se como veículos desse Deus. Diferentemente do Deus apático, seja por sua indiferença ao mundo sendo substância suprema, seja por sua existência análoga à imagem do ser humano moderno, emancipado, enquanto sujeito absoluto, o Deus autocomunicado por Jesus, chamado por Moltmann de *pathos* de Deus, é um Deus próximo que inabita junto a seu povo na história sendo solidário com suas dificuldades. A inabitação de Deus é tratada nesta pesquisa a partir da tradição veterotestamentária que reconhece a presença de Deus como *shekiná*.

No segundo capítulo procuramos desenvolver o conceito de kénosis e o de autocomunicação para melhor compreender os tópicos da encarnação e da cruz como autocomunicação kenótica de Deus em Jesus. Iniciamos com o desenvolvimento sistemático do conceito de kénosis na perspectiva de Jürgen Moltmann e seguimos, no segundo tópico, com uma leitura da kénosis a partir do hino cristológico da carta aos filipenses (Fl 2, 6-11). Em seguida adentramos no conceito de autocomunicação e vimos, a partir de Karl Rahner, que o ser humano, devido à sua condição transcendental, é o evento da autocomunicação de Deus, pois este, enquanto pessoa e sujeito, possui condições de fazer uma experiência transcendental; e, sendo responsável e livremente entregue a si mesmo é capaz de

acolher ou rejeitar essa oferta generosa de encontrar-se com sua totalidade. Além disso, a autocomunicação de Deus é a autocomunicação do bem, pois Deus é amor (1Jo 4, 16) e o amor implica uma relação, ao menos duas pessoas, sendo assim, necessita sair de si para amar, sair de si doando-se ao seu amado. Deus, sendo amor, necessita essencialmente se comunicar, sair de si para ir ao encontro do outro. Esse desprendimento de Deus, sua autocomunicação, é o seu amor gerador que dessa perfeita e recíproca relação amorosa entre o Pai e o Filho torna-se amor criador. Portanto, podemos afirmar que a autocomunicação de Deus é a autocomunicação do amor. É a autocomunicação do ser mesmo de Deus que se expressa à sua criação plenamente em Jesus abandonado e crucificado. A autocomunicação de Deus possui, também, outro aspecto. Sua autocomunicação criadora implica não apenas dar a vida e liberdade, mas sustentá-la, em outras palavras, implica na sua revelação – comunicação de seu ser trinitário *pathos* na economia, participação de Deus na história, o fazer da história humana sua própria história.

Diante do aspecto revelador da autocomunicação kenótica de Deus podemos abordar, de maneira sucinta, um pouco do que desenvolvemos em nossa pesquisa. Primeiramente podemos dizer que a encarnação é a expressão de um ato livre e amoroso de Deus e que ela não é consequência do pecado da humanidade como se a vontade de Deus fosse motivada e modificada por conta da falha humana. A encarnação é a autocomunicação amorosa de Deus, autocomunicação do seu próprio ser, que desde toda a eternidade está presente na mente divina. Não há uma equivalência entre o pecado e a graça. A graça de Deus sempre superará o pecado. Dessa forma, o Filho de Deus se encarna na humanidade não apenas por causa do pecado, mas principalmente, para elevar a criação à plenitude. De modo que, ainda que o homem não tivesse pecado o Filho de Deus teria sido feito homem, encarnado na humanidade. Portanto, Jesus é a expressão concreta da Trindade que se exprime kenoticamente em todas as ações de Jesus, ações do Reino de Deus, expressões que concretizam o ser profundo de Deus, sua essência, que é puro amor.

Por fim o capítulo termina com o desenvolvimento da plena autocomunicação de Deus, a cruz. No entanto, no evento da cruz devemos considerar dois aspectos que, inclusive, já abordamos quando falamos da cristologia de Moltmann. Trata-se da dimensão histórica e a dimensão

escatológica da cruz. No desenvolvimento da primeira ressaltamos o processo da morte de Jesus acusado em duas frentes: a) a religiosa que o acusou de blasfemo; e b) e a política que o acusou de “revolucionário”, agitador político, subversivo da ordem. Sua punição foi a cruz. Além do processo de sua morte, procuramos refletir qual foi o entendimento de Jesus, a compreensão que teve de sua morte. Como dissemos a cruz não possui apenas seu lado histórico, mas também escatológico e sobre essa dimensão do evento da cruz, ressaltamos a pericorese teândrica como reveladora da pericorese trinitária. O concílio de Calcedônia admitiu que em Jesus coexistem duas naturezas harmonicamente sem confusão. Ou seja, há em Jesus uma pericorese teândrica. Porém não se pode compreender essa relação estaticamente, mas devemos compreendê-la a partir da dinâmica da cruz. Quando pensamos a pericorese teândrica a partir do evento pascal, ponto final da kénosis do Filho, percebemos que ela faz parte de uma dinâmica explícita de descida de Deus e, conseqüentemente, de subida do homem.

Dessa maneira, podemos afirmar categoricamente, a partir do dado revelado nos evangelhos, que o ponto culminante da kénosis de Jesus, ou seja, a autocomunicação plena do *pathos* de Deus, Deus triúno, se dá no evento da cruz. No abandono e morte, nosso terceiro capítulo, Jesus esvazia-se radicalmente. Experimenta no abandono de Deus, narrado pelos evangelhos de Marcos e Mateus, uma profunda distância daquele a quem sempre esteve próximo ao ponto de chamá-lo *Abba* e de afirmar que Ele e seu Pai eram um (Jo 10, 30) e que vivia no Pai e este vivia n’Ele (Jo 14, 11). No entanto, para evidenciar essa autocomunicação de Deus através da radical distância e a plena comunhão experimentada por Jesus no episódio do abandono, percorremos um longo caminho que passa pela leitura bíblico-histórica dos textos que narram esse abandono: os textos de Marcos (Mc 15, 33-39) e Mateus (Mt 27, 45-54). Através deles podemos perceber, ainda que não sejam *ipsissima verba Iesu*, a dramaticidade da morte de Jesus. Os evangelistas utilizam diversos recursos, como por exemplo, as imagens do véu rasgado e a confissão de fé do centurião, para explicitar a mensagem da cruz. Mensagem a princípio compreendida a partir da leitura, feita pelos discípulos, da teologia da *passio justii* encontrada nos textos de lamentação da tradição veterotestamentária. No entanto, logo perceberam que apesar das semelhanças, predominavam as diferenças entre o justo sofredor e o crucificado a começar pela invocação a Deus feita por eles. No caso do justo o

Deus invocado é o Deus da aliança, Deus comprometido com o justo e a justiça representada pela intervenção na causa de sofrimento desse justo. No caso de Jesus crucificado o Deus invocado é o seu Deus e Pai. O mesmo que sempre esteve junto d'Ele, o mesmo a quem ele chamava de *Abba*, o mesmo ao qual ele anunciava como misericórdia infinita, Deus solidário, amor. Sendo assim, logo descobriram que não é a teologia do justo que ilumina a paixão de Cristo, mas ao contrário sua paixão que atribui significado ao sofrimento do justo.

No grito de Jesus na cruz dá-se um acontecimento entre o Filho e seu Deus e Pai. Jesus abandonado pelo Pai experimenta a radical distância de Deus e nessa distância experimenta definitivamente a humanidade em sua dimensão mais profunda. Em seu sofrimento Jesus se identifica com todos os sofredores e em sua distância de Deus, feito pecado por nós (2Cor 5, 21), com todos os algozes e malfeitores que se afastaram de Deus pelo pecado. No entanto, Jesus não está sozinho. Na máxima experiência de abandono se dá a mais profunda comunhão entre Jesus e seu Pai. Entre eles, como foi mostrado no Getsêmani, há uma correspondência de vontades, apesar de pedir para Deus afastá-lo do sofrimento Jesus vai até as últimas consequências no cumprimento da vontade do Pai. Sem sombra de dúvidas o Pai está junto de seu Filho no evento da cruz. Se o Filho sofre o Pai também sofre, não sofre como o Filho, mas sofre com o seu sofrimento e morte. Aliás, a morte de Jesus ataca de modo preciso a paternidade de Deus. Desse amor vivido no sofrimento da cruz procede o Espírito Santo que acolhe os abandonados, justifica os ímpios e ressuscita os mortos. Assim fechamos nossa dissertação, demonstrando que o grito de Jesus na cruz não foi uma atitude desesperada de Jesus que teria se arrependido de sua missão e nem que o grito teria sido uma espécie de esperança vazia numa intervenção divina com a intenção de demonstrar o poder e a onipotência de Deus aos inimigos, mas que foi a plena autocomunicação de Deus, não um deus qualquer, apático, mas o Deus que, por sua natureza, ama e por amor também sofre com os sofrimentos de sua criação.

Concluimos, então, sabendo que é impossível absorver toda a teologia de Moltmann em um único trabalho de pesquisa. Contudo, encerramos este trabalho satisfeitos de termos conseguido realizar nossa pretensão primeira de demonstrar que a kénosis de Jesus é a autocomunicação plena do *pathos* de Deus e que, além disso, este tema se mostrou relevante para diversas abordagens teológicas, proporciona, ainda, uma perspectiva diferente para os diversos tratados teológicos

e, sobretudo, possui uma relevância ímpar para a pastoral que deve ser pensada a partir da kénosis. Este tema demonstra sua importância, ainda, por proporcionar o surgimento de questões que são pertinentes e relevantes para a Igreja e para a sociedade que podem e devem ser desenvolvidas por outras pesquisas.

No momento nos resta apenas embrenhar-nos no caminho aberto, por essa pesquisa, rumo ao Deus apaixonado e sofredor – *pathos* - que através da kénosis de Jesus Cristo na cruz se autocomunicou como o Deus amoroso que assumiu nossa história como sua e que nesse processo nos divinizou “humanizando-se”²⁵⁰.

²⁵⁰ CODA, P. **O evento pascal**, p. 140.